

e de homens-padres. Foram uma riqueza na vida de tantos santos e santas e também na vida de Cristo. Cristo é para ser seguido e é testemunha no todo de sua vida, também em sua vida humano-afetiva, com as grandes amizades masculinas e femininas. Aliás, a graça de contarmos com autênticos amigos e amigas em nossa vida de padres e homens celibatários, será uma riqueza imensa para nosso ser de homens e de pastores. Lembremo-nos das sábias palavras de Jesus: "É do coração que sai toda maldade. . ." (cf. Mc 7,21) e do Apóstolo: "Se fordes puros, tudo será puro. . ." (cf. Tt 1,15) A partir de Cristo e do testemunho de tantos homens e mulheres de Deus, é possível ter verdadeiras amizades masculinas e femininas e devemos cultivá-las para o bem do nosso ser pessoal e do próprio Povo de Deus a quem queremos servir à semelhança do nosso Mestre.

---

## afetivo na integração do feminino e do masculino na vida de um Padre

---

Finalmente, que posso dizer ainda, numa confissão mais pessoal? — Muito do que sou, do meu modo de ser, de viver, como homem e como padre, devo-o à presença de mulheres em minha vida. Acima de tudo, de minha mãe, que sempre me ensinou o belo do ser mulher e do amar e respeitar a mulher. Mas igualmente o devo a tantas outras mulheres que Deus em sua bondade colocou em meu caminho de homem-padre. Com humildade e reconhecimento devo afirmar que, em minha vida, há mulheres que dedicaram e dedicam sua existência a rezar por mim, pelo meu sacerdócio, desde os primeiros anos de minha vida no Seminário e ainda rezam. Com carinho cultivo estas amizades. Creio fortemente no poder dos joelhos e sei que muito do que sou é mais fruto de tantos que me cultivam, que me amam e rezam por mim, que me ajudam em tudo o que preciso, do que fruto de minhas qualidades ou méritos. Como igualmente tenho mulheres amigas de quem não tenho nada a esconder. Amo-as e deixo-me amar e cultivar por elas. Só Deus sabe o quanto já me ajudaram a ser Padre, o quanto me cultivaram em meu ser humano e, porque não, me salvaram como Padre!

Tudo é graça e dom de Deus. Deus nos ama e nos salva através de homens e mulheres que aparecem em nosso caminho.

Perdão se não traduzi bem o que deveria, e sempre mais deve ser, o relacionamento "homem-padre e mulher". Na verdade, não me preocupei tanto em fazer um artigo teológico-científico sobre o assunto. Traduzi mais o que penso, assim como as idéias me chegaram à mente e ao coração. Por outro lado, não é nada fácil traduzir com palavras o que é e deve ser o afetivo na integração do feminino e do masculino na vida de um Padre. É mais um dom de Deus e graça, que recebemos por bondade de Deus como forma de Ele nos amar, como é um dom que devemos cultivar e pedir a Deus. Porque não ézarmos todos os dias: "Ó Cristo, dá-nos amigas e amigos como tiveste e a graça de amá-los e cultivá-los como os cultivaste e amaste".

No relacionamento homem-mulher, todos somos chamados a crescer, a não nos sentirmos prontos. Há sempre um critério para vermos como vão nossas amizades, em nossa vida de Padres. Quando estas nos fazem mais de todos e mais de Deus, então são caminho de Deus. Quando nos aprisionam, deverão ser revisadas. Amizade que vem de Deus, jamais é prisão, é sempre mais libertação, dá alegria de ser aquilo que se é e se busca ser, como Padre: um homem para os outros.

Para isto, temos um único caminho e fundamento a seguir. O modelo Jesus Cristo, em sua vida concreta com o Pai e com os homens e as mulheres do seu tempo. Assemelhar-nos a Ele em tudo, é sempre mais chegarmos ao relacionamento adulto, positivo e integrador do masculino e do feminino dentro de nós e fora de nós. Tudo isto será uma conquista diária e permanente através de toda a vida. Conseguiremos este crescimento através de um esforço sempre mais renovado em nosso eu pessoal, junto com a graça de Deus e com a ação do Espírito que não nos faltarão, rompendo e superando o homem velho que vive em cada um de nós e caminhando na direção e semelhança do homem novo que é Cristo (cf Ef 4,13), Homem-Deus totalmente integrado em sua humanidade e divindade, no seu relacionamento com as mulheres, com os homens e com o Pai.

---

*Endereço do Autor:*  
Caixa Postal 5041 — ITESC  
88041 FLORIANÓPOLIS, SC

## A TRINDADE A PARTIR DA MULHER A MULHER A PARTIR DA TRINDADE

**Vanildo Padoim**  
estudante do 3º ano

### 1. Introdução

Analisando teologicamente a imagem de Deus, que veio sendo transmitida através das gerações, podemos detectar uma grande influência masculina, devido ao sistema patriarcal que imperou desde os primeiros povos, até nossos recentes dias.

A linguagem bíblica para falar de Deus é quase sempre masculina, por exemplo: Rei, Juiz, Senhor, Esposo, Pai. É uma sociedade dirigida por homens, onde a mulher

é considerada inferior, tanto pela legislação como também pelas práticas religiosas e os costumes. A maior parte dos textos bíblicos (todos eles?) foram escritos por pessoas do sexo masculino, e por isso os textos deixam transparecer uma visão masculina de Deus.

Deus toma partido pelos pobres, oprimidos e marginalizados. Entre eles se encontram as mulheres. Entretanto, o feminino não encontra identidade no mistério de Deus, enquanto o masculino encontra. Parece que Deus identifi-

ca-se tão-somente com o sexo masculino. . . (cf. Texto-base da CF-90, pp. 92-102)

Também é notório que a teologia cristã é produzida quase absolutamente por homens. Por isso, utilizam símbolos em sua maioria masculinos: Deus é Pai que gera um Filho que se encarna e se chama Jesus, homem, cuja obra, a Igreja, é dirigida e controlada por homens.

Na percepção limitada da teologia, Deus-Pai, não tendo corpo é transsexual, indicando apenas aquela Fonte de vida da qual tudo provém e para a qual tudo caminha. É uma realidade representada por símbolos e imagens. Estes são elaborados conforme a nossa cultura e a partir da nossa história, a qual caiu sob o controle do sexo masculino.

A imagem de Deus-Pai tende a identificar-se com a figura empírica do pai e assim corre o risco de transformar-se num ídolo e de legitimar a dominação dos pais e dos maridos sobre os filhos e as mulheres.

---

## Na teologia não houve vigilância, quando usados os símbolos, sobre o perigo de discriminar o feminino

---

Na teologia não houve vigilância, quando usados os símbolos, sobre o perigo de discriminar o feminino, e reforçou-se a dominação machista e patriarcal. São principalmente as imagens que modelam as consciências e criam os comportamentos sociais. Por serem predominantes as imagens masculinas no cristianismo — impediu-se que as mulheres pudessem expressar sua religiosidade a partir de si mesmas.

Hoje as imagens devem permitir colher a experiência global do humano que se dá a partir da mulher e do homem. Jesus era varão, mas nele não vigora só o masculino, e sim também a dimensão feminina assumida pela Palavra “que se fez carne. . .” (Jo 1,14)

Pelas narrações bíblicas o Espírito Santo é aproximado às dimensões femininas da vida (em hebraico *ruah* é feminino): criação, consolo, íntimo aconchego. Não se trata de substituir a figura do Pai pela da Mãe, na Trindade, mas de dar uma dimensão feminina, também feminina, a todo o mistério trinitário. A simbologia feminina é digna como a masculina de significar o Deus Trino, para que o nosso conhecimento de Deus possa ser mais completo e integrador (cf. “A Trindade e a Sociedade”, Boff, pp. 153-155)

### 2. Reflexão teológica

#### 2.1. O feminino do Pai

O Concílio de Toledo, no séc. VII (675), afirma que “devemos crer que o Filho não procede nem do nada nem de outra substância, mas que foi gerado e nascido do útero do Pai, isto é, de sua substância” (DS 526). Aqui o Pai se apresenta com traços maternos! Por ter gerado o Filho e ter espirado o Espírito Santo, podemos também chamá-lo de Mãe. Deus aparece como sendo aquele que gera e que se identifica com o amor materno. A Sagrada Escritura apresenta Deus tanto com traços paternais quanto sob traços maternos.

Essas características femininas do Pai podemos encontrar, entre outras, na seguinte passagem do II Isaías: “Pode

uma mulher esquecer seu bebê, deixar de querer bem ao filho de suas entranhas?” (Is 49,15). A ternura e o consolo são expressões do amor materno. Também o livro do Êxodo nos revela que uma das características fundamentais do Deus da revelação é a misericórdia (Ex 33,19;34, 6-7). Ora, a misericórdia (em hebr. *rahamim*, vísceras, seio materno) revela traços maternos.

Na parábola do filho pródigo notamos a reação do Pai face ao filho: estão bem presentes os traços maternos e paternais ao mesmo instante. No Pai se encontram reunidos o amor paterno e a ternura do amor materno.

Na união do Pai e da Mãe eternos se superam as divisões e as servidões, começa-se o reino da confiança dos filhos e das filhas, livres, iguais, membros da família. (cf. “A Trindade e a Sociedade”, Boff, pp.210-211; e “A Trindade: a melhor comunidade”, id., pp.121-122).

#### 2.2. O feminino do Filho

As características do feminino são expressas pela ternura, o cuidado, a auto-aceitação e a misericórdia. A boa nova apresenta Jesus como um ser livre e integrado. Jesus em certas ocasiões chegou até a escandalizar os discípulos (com a samaritana: Jo 4,24) e os fariseus (ao deixar-se tocar, beijar e ungir por uma pecadora pública, cf. Lc 7,36-50). As mulheres participaram ativamente de sua vida e de suas pregações (Lc 8, 1-3;10,38-42); muitas mulheres são consoladas e curadas por ele (Mc 1,29-31; 5,25-34).

Jesus mostrou visivelmente o seu lado humano face ao drama do sofrimento e da morte dos outros e enchia-se de profunda compaixão com os marginalizados e abandonados. É uma pessoa que acaricia as crianças, demonstrando seu amor materno para com elas (Mc 9,36), e alegra-se muito com os “pequeninos” que acolheram o mistério do Pai (Mt 11,25). Este mesmo Jesus chora perante seu amigo Lázaro morto (Jo 11,35), como também chora diante do fechamento de Jerusalém à sua mensagem (cf. Lc 10,13-15). Com expressão feminina diz que desejou juntar os filhos de Jerusalém como uma galinha reúne os pintinhos sob as asas, mas eles não quiseram (Lc 13,34).

Ele foi homem e não mulher, mas o feminino que está em Jesus é divinizado e revela o rosto feminino de Deus. Ao descobrir o feminino em Deus e ao invocá-lo também como Mãe, não estaríamos vinculados a dados sexuais, mas a qualidades femininas e maternas que se realizam absolutamente em Deus (cf. “A Trindade e a Sociedade”, Boff, p. 223).

#### 2.3. O feminino do Espírito Santo

Pode-se discernir no Espírito Santo algumas dimensões femininas. O Espírito Santo está ligado à vida e à proteção da vida. São João, na linguagem de Jesus, recorda-lhe os traços tipicamente femininos. Ele consola como Paráclito, exorta e ensina (Jo 14,26), não nos deixa ficar órfãos (Jo 14,18). O próprio Paulo nos diz que o Espírito Santo assume a função da Mãe e nos ensina a balbuciar o nome verdadeiro de Deus, *Abbá* (Rm 8,15). Ele nos ensina a orar e pedir as coisas verdadeiras (Rm 8,26).

Também no Antigo Testamento o Espírito Santo assume funções femininas: o pairar sobre as águas (Gn 1,2) significa o ato de chocar do Espírito, fecundando toda a criação e assim permitindo que dela surgisse todo tipo de vida. Também no livro do Eclesiástico encontramos a Sabedoria (cujo Espírito é descrito em Sb 7,22-23), amada e buscada como uma mulher e apresentada como Esposa e Mãe (Ecl 14, 22.26s; 15,25).

São Gregório Nazianzeno diz que Deus não é nem masculino nem feminino, e no entanto o masculino e o feminino encontram em Deus-Trino o seu modelo (cf. “A

Trindade e a Sociedade", Boff, pp. 239-242).

#### 2.4. Deus no feminino — o feminino em Deus

O feminino constitui um caminho para Deus, pois Deus também é feminino, pois Ele próprio chamou "mulher e homem" imagem sua (Gn 1,27). Estando no feminino as dimensões de vida, profundidade, mistério, interioridade e aconchego, constatamos os traços de Deus no feminino. Porque o invisível de Deus se faz visível mediante as obras da criação, o feminino é obra de Deus, porquanto somente dele e do masculino pode-se dizer que são "imagem e semelhança" de Deus (Gn 1,27).

Tanto o homem como a mulher são um ser-para-outro, o que é fundamental para o ser humano. O problema fundamental na Trindade é o face a face das Pessoas divinas. Com o ser Humano acontece a mesma coisa: face a face da mulher e do homem. O homem só é homem face à mulher; e esta, face àquele. . . (cf. "O rosto materno de Deus", Boff, pp.92-93).

#### 2.5. O feminino de Deus para o homem

A Bíblia Sagrada e a Tradição apresentam Deus como Ele e nunca como sendo Ela. O cristianismo por muito tempo desprezou o feminino, deixando-se levar pelas correntes culturais nas quais foi vivido. Deus foi sempre apresentado como Pai e não como Mãe. Pai tem um filho e não uma filha.

Mas Deus está para além dos sexos, por exemplo, quando expressamos que Deus é Espírito (cf. Jo 4,24). Isto ultrapassa a ordem sexual. Ao falar de Deus como Pai, Filho e Espírito Santo, não se ressalta a determinação sexual. Deus não é masculino e nem feminino no sentido genital. Deus-Pai não é Pai no sentido de nossa experiência de pai terreno: esta visão precisa ser purificada. Temos que elevar a dimensão de pai ao infinito, para que esse termo se torne apto para ser atribuído a Deus.

## Deus também é feminino, pois Ele próprio chamou "mulher e homem" imagem sua

Ao apresentar-nos Deus sem conotação sexista, o judaísmo bíblico distanciou-se das demais religiões, que atribuíam aos deuses determinações sexuais. Ao mesmo tempo, porém, afirmou a masculinidade de Deus. A era patriarcal, na qual todo valor era capitalizado pelo masculino, permite-nos entender a concentração das imagens Deus-Pai-Filho e outras aplicações a Deus. É chegado hoje o tempo em que a outra face de Deus, feminina, materna, tenha condições históricas de se revelar. Tanto o masculino quanto o feminino expressam a verdadeira imagem de Deus (cf. "O rosto materno de Deus", Boff, pp. 94-96).

### 3. Conclusões pastorais

Os bancos de nossas igrejas são ocupados na sua maior parte por mulheres. Apesar disto, a linguagem da liturgia tomou o masculino como norma, como o plenamente humano, e o feminino como exceção, como o sub-humano. As-

sim, invocando continuamente a Deus como Rei, Senhor, Pai e Mestre, a liturgia proclama unilateralmente o masculino de Deus.

A catequese e a teologia tradicional, afirmavam que o pecado entrou no mundo mediante uma mulher (cf. Eclo 25,24), que o patriarcado é intencionado por Deus, nosso Pai, e que seu Filho ordenou somente homens para seus sucessores e líderes da Igreja. . . Seja como for, as mulheres aprendem cedo que são o sexo inferior e interiorizam a invisibilidade. Autoestima e poder só podem derivar-se do homem e/ou de um Deus masculino. A masculinidade da linguagem teológica e litúrgica sobre Deus não é, portanto, um acidente cultural ou lingüístico, mas um ato de dominação na e através da proclamação e oração.

## a linguagem masculina sobre Deus na liturgia e na teologia ainda reforça essa dominação

Enquanto a linguagem androcêntrica e as estruturas intelectuais fazem da dominação patriarcal algo evidente, pertencente ao "senso comum", a linguagem masculina sobre Deus na liturgia e na teologia ainda reforça essa dominação como ordenada por Deus. . . (cf. "Imagem da mulher. . ." Procter-Smith, p. 58-60)

Portanto, as coisas têm de ser mudadas. E, aliás, estão caminhando para uma mudança. Como na Sociedade a mulher conseguiu e está conseguindo passos significativos, assim também na Igreja ela deverá chegar lá!

Quanto demoraremos até conseguirmos expressar teológica e liturgicamente o feminino de Deus e em Deus, assim como temos expressado o seu masculino, não o sabemos. Mas isto não deve impedir que continuemos a procurar, pesquisar, refletir, aprofundar e daí tirar conclusões práticas, concretas, que nos levem a situar a mulher no seu devido lugar, sem discriminação nem subordinação.

Afinal, já é tempo, após 2.000 anos, que tiremos as conclusões lógicas da proclamação de Paulo aos gálatas: "Não há mais diferença. . . entre homem e mulher, pois todos vocês são um só em Jesus Cristo!" (Gl 3,28)

### BIBLIOGRAFIA

- BOFF, Leonardo, "O rosto materno de Deus, ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1979.  
Id. "A Trindade e a Sociedade, coleção TdL, ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1987.  
Id., "A Santíssima Trindade é a melhor comunidade", ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1988.  
Texto-base da CF-90, CNBB, Edit. Salesiana Dom Bosco, SP, 1990.  
PROCTER-SMITH, Marjorie, "Imagens da mulher no lecionário litúrgico" art. in Rev. CONCILIUM, n. 202 (1985), pp. 56-68), ed. Vozes, Petrópolis, RJ.

Endereço do autor:  
Cx. Postal 5041 — ITESC  
88041 — Florianópolis — SC